

O RIO MUDOU, O PEIXE SUMIU E A VIDA FOI FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL: MODOS DE VIDA E TRABALHO DOS PESCADORES ARTESANAIS DO RIO SÃO FRANCISCO

THE RIVER SHIFTED, THE FISH DISAPPEARED AND LIFE BECAME MORE AND MORE DIFFICULT: LIFESTYLES AND THE WORK OF THE CRAFT FISHERMAN OF THE SÃO FRANCISCO RIVER

Roberto Mendes Ramos Pereira

Doutorando em História pela UFU

Rua Maurício Ribas, 780 - Jardim Graziela. São Francisco - MG. CEP: 39.300-000

E-mail: historia.rmendes@yahoo.com.br

RESUMO

A proposta deste estudo é refletir sobre os modos de vida e de trabalho dos pescadores artesanais do rio São Francisco, pessoas que dependem diretamente do produto aí capturado. Diante das transformações sofridas pelo rio São Francisco, a vida e o trabalho desses pescadores também foram se alterando de modo conflitante e tenso. Dentre tantos problemas, as incertezas em relação à pesca revelam um drama social vivenciado por esses trabalhadores nos últimos tempos em busca da sobrevivência para si e suas famílias.

Palavras-chave: Rio São Francisco, Modos de Vida, Pescadores Artesanais.

ABSTRACT

The purpose of this study is to reflect on the ways of life and work of artisanal fishermen of the São Francisco river, people who depend directly on the product captured there. Given the transformations undergone by the river São Francisco, the life and work of these fishermen were also changing and conflicting uncomfortably. Among many issues, uncertainties related to the fishing show a social drama experienced by these workers in recent times in search of survival for themselves and their families.

Keywords: Rio São Francisco, Livelihoods, Fishermen.

O São Francisco, conhecido por muitos como o “Rio da Integração Nacional”; por outros, como o “Velho Chico”, ou mesmo como “Opará” entre os indígenas antes da colonização do Brasil, é um rio que, em todo o seu curso, desde a Serra da Canastra, em Minas Gerais, passando pelos estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe, até desaguar no Oceano Atlântico, já em Alagoas, encontra diferentes realidades populacionais nas suas margens. Com uma extensão de aproximadamente 2.830 km, a bacia do São Francisco é comumente dividida em quatro segmentos, sendo o Alto São Francisco, o Médio São Francisco, o Submédio São Francisco e o Baixo São Francisco. Segundo Paiva *apud* Godinho e Godinho¹, o alto compreende a nascente até Pirapora-MG, numa extensão de 630 km; o médio, com 1.090 km, estende-se de Pirapora até Remanso-BA; o submédio de Remanso até a cachoeira de Paulo Afonso-BA e, finalmente, o trecho mais curto, com 274 km – o baixo, que se estende de Paulo Afonso até a foz. Nesse longo percurso, 2,4 milhões de pessoas, em 103 municípios ribeirinhos, convivem com o São Francisco, sendo Minas Gerais o segundo estado com maior índice populacional nas suas margens, com 30% da população, ficando atrás somente do estado da Bahia, com 36%.²

Entre mineiros, baianos, pernambucanos, sergipanos e alagoanos, o São Francisco parece ganhar em meio a suas populações ribeirinhas sentidos diversos, dados os múltiplos usos de suas águas. Utilizado como fonte de energia, através das hidrelétricas de Três Marias-MG e Paulo Afonso-BA; como recurso econômico e de subsistência, através da pesca artesanal, das vazantes e dos projetos de irrigação; como atração turística, com suas praias e clubes, ou mesmo como referência cultural, por meio das lendas, contos, folclore e todo o aparato cultural construído em torno de si, o “Velho Chico” tem grande importância econômica, social e cultural para as pessoas que moram ao longo de suas margens, constituindo-se não apenas como um elemento da natureza, mas como uma parte significativa da existência de milhares de pessoas que dele se utilizam para sobreviver material e culturalmente. Até os intelectuais já procuraram definir seu sentido para os povos que com ele coexistem, cada um expondo um olhar: “Euclides da Cunha: ‘Cerne vigoroso da nossa

¹ GODINHO, H. P. & GODINHO, A.L. (ORGS). Breve visão do São Francisco, p. 15-24. In: GODINHO, H. P. & GODINHO, A.L. (orgs). **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

² MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa. **Rio São Francisco: Patrimônio Cultural e Natural**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 2003.

nacionalidade'; João Ribeiro: 'O grande caminho da civilização'; Jorge Amado: 'Veia arterial do Brasil'; Saul Martins: 'O rio é a vida do barranqueiro fora do corpo, é a sua alma'”³.

No que se refere ao homem presente nessa conjuntura, em toda a extensão do rio São Francisco, considerado historicamente como o “Rio da Integração Nacional”, é possível identificar modos de vida que nos dão uma compreensão sobre a realidade social do espaço analisado, municípios mineiros do Alto-Médio São Francisco, com foco para o município de São Francisco. Com uma economia baseada no comércio, na agricultura e na pecuária, e uma população que depende, muitas vezes, exclusivamente de rendimentos da aposentadoria e do funcionalismo público, as populações ribeirinhas sentem cotidianamente os reflexos da falta de emprego, de políticas públicas para o homem do campo, os reflexos da seca, dentre outros.

Na busca pela sobrevivência, para si e suas famílias, muitos desses homens e mulheres utilizam-se das águas do São Francisco na ocupação da pesca artesanal, constituindo-se uma das principais atividades econômicas, mas não a única, em suas vidas. São populações que fazem uso de equipamentos rudimentares para capturar o pescado, vendido no comércio local, para as Colônias de Pescadores, ou apenas para o consumo próprio de suas famílias.

Dito isso, o objetivo proposto neste texto é o de refletir sobre os modos de vida e de trabalho dos pescadores artesanais do rio São Francisco, pessoas que dependem diretamente do produto aí capturado, mas tendo como pressuposto de que este curso d'água vem se transformando rapidamente nas últimas décadas. Em síntese, o que busco é compreender, ao final de tudo, o lugar construído pelo pescador artesanal do rio São Francisco, num tempo e num espaço em que ele próprio tem percebido não somente seu ambiente de trabalho se transformar, mas também as formas e o ritmo como o trabalho e sua própria vida têm se dado. Usinas Hidrelétricas “tomaram” as águas do rio para produção de energia elétrica; barragens foram feitas para atender esse objetivo, mas também para a destinação da água para projetos de irrigação; as árvores das margens do rio foram engolidas pelas fornalhas para a produção de carvão a serviço do capitalismo industrial; e, diante de tudo isso, é relevante compreender como tem se dado a vida e o trabalho dos pescadores que atuam no São Francisco. Nesta direção, a opção metodológica pelas entrevistas orais se deu não somente porque ela nos possibilitou junto aos pescadores construir outros olhares sobre o rio São Francisco, diferentes, destoantes e conflitantes de outros costumeiramente

³ Intelectuais citados por DINIZ, Domingos; MOTA, Ivan Passos Bandeira da; DINIZ, Mariângela. **Rio São Francisco: vapores e vapozeiros**. Pirapora: Ed. Dos autores, 2009, p. 94-95.

hegemônicos e que o tratam como elemento de “desenvolvimento” e não como parte constituindo das próprias vidas dessas pessoas. Compreender a vida e o trabalho pela experiência da alteridade, ouvindo atentamente, sentindo com, pensando com, foi mais do que uma técnica. Tal caminho nos levou a identificar na fala dos pescadores as sensibilidades, emoções e sentidos que estão para além das palavras, identificando suas origens nas representações sobre si, sobre seu trabalho e seus valores. Assim, as entrevistas orais foram um instrumental de grande valor neste estudo.

O recorte de investigação é o da região do Alto-Médio-São Francisco mineiro, com um foco maior na cidade de São Francisco, no norte de Minas Gerais, dentro de um espaço temporal que vai da década de 1960, que trouxe a instalação da Hidrelétrica de Três Marias como referência, até a primeira década do século XXI, período auge de incorporação dos pescadores em políticas públicas através do Ministério da Pesca e Aquicultura.

De início, vale ressaltar que os pescadores artesanais do rio São Francisco aqui analisados são homens e mulheres que fazem da pesca um meio de sobrevivência para si e suas famílias. Em geral, estão organizados numa Colônia de Pescadores que se mostra como uma mescla de órgão classista (com um perfil sindical, que age para defender seus direitos e solucionar suas demandas) e repartição governamental que assiste os pescadores artesanais através de programas sociais do Governo Federal. Neste órgão, assistem reuniões periodicamente (em geral, uma vez por mês), assinam a ata e solicitam direitos como seguro desemprego, aposentadoria, seguro maternidade, cestas básicas, dentre outros.

Ser pescador artesanal no rio São Francisco, no entanto, não significa apenas estar registrado como tal numa colônia de pescadores. Significa, pois, trazer consigo um rol de experiências cotidianas que os fazem ter uma visão de mundo capaz de dar sentido aos seus posicionamentos diante da vida, aos seus pensamentos, às suas ações. Significa, por exemplo, compreender que pescar nos dias de hoje não é a mesma coisa que na década de 1960, quando a piscosidade do São Francisco era abundante.

Se tivéssemos que sintetizar a situação do pescador artesanal do São Francisco neste século XX, sem titubear poderíamos resumi-la na palavra “incerteza”, visto que quando o pescador sai da sua casa rumo ao rio em busca de peixes para seu sustento, ele sabe que isso pode não acontecer. Segundo o senhor Pedro, 55 anos e pescador da cidade de São Francisco desde criança, hoje em dia “a pesca é como um jogo, uma loteria. Tem dia que ganha nada,

tem dia que ganha alguma coisa”⁴. Considerando-se todo o contexto social e econômico de pobreza que o rodeia, aliando-o ainda à conjuntura estrutural e política existente no sertão do São Francisco, em que se sofre com a seca, associado, ainda, às condições precárias de pesca no rio (poluição, assoreamento, etc.) é possível entender o valor que um homem como seu Pedro dá ao produto do seu trabalho (o peixe), comparando-o a um prêmio. A fartura de peixes de outros tempos é algo que parece ficar apenas nas melhores lembranças desses trabalhadores, para os quais o rio é um dos principais meios de sustento para suas famílias.

Nessa direção, emerge um contraste quase que intransponível entre o saudosismo daquela época de fartura e as preocupações e incertezas quando, nos dias de hoje, se sai para a pesca. Dona Isaura, também pescadora, ao ser questionada sobre a maior dificuldade, hoje, na vida dos pescadores, é categórica em sua resposta: “é ir pescar e não pegar nada, porque senão os filhos ficam com fome dentro de casa”⁵. Os relatos dos pescadores das cidades de São Francisco, bem como de Januária, Três Marias e São Romão, localidades onde estive à procura de fontes, revelam um saudosismo comum, como na fala de Dona Maria Beatriz, cuja origem é de uma família de pescadores:

Ó... lembro como hoje. Data de... década de 70, por aí. Porque nessa década ele tinha bastante água ainda. Era um rio que você podia acreditar: ‘não, vou buscar um dinheiro hoje’. Você podia sair pro rio, em poucas horas você chegava com um peixe, tava com um dinheiro na mão, né? Corria lá na sede, vendia e você tinha o dinheiro. E hoje é difícil. Hoje você rola mês no rio e não arrecada nada⁶.

O discurso de Dona Maria Beatriz remete a uma das grandes diferenças existentes entre a vida do pescador numa época de fartura e a realidade dos dias atuais, compondo em sua fala um raciocínio que contrasta passado e presente, fartura e escassez, certezas e incertezas. A partir desses contrastes é que os pescadores parecem forjar uma visão de mundo própria no que se refere ao que foi o rio para eles e suas famílias; e ao que significa esse mesmo rio nos dias de hoje, bem como aos sentidos atuais que dão à própria profissão de pescador. Nesta construção simbólica do rio, do trabalho e de si mesmos, esses homens e mulheres, de diferentes formas, agem, atuam, fazem escolhas, decidem seus rumos, em meio às tensões e incertezas encontradas no universo do trabalho com a pesca. Assim, se o rio nem sempre “dá” o peixe que o pescador tanto procura, outros recursos são buscados, seja nos

⁴ Entrevista realizada com Pedro José Alves, pescador, 55 anos, no dia 04 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família, em São Francisco-MG.

⁵ Entrevista realizada com Isaura Assis Santos, pescadora, 64 anos, no dia 04 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família, em São Francisco-MG.

⁶ Entrevista realizada com Maria Beatriz Pereira dos Santos, pescadora, 49 anos, no dia 03 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família, em São Francisco-MG.

benefícios (cestas básicas, seguro desemprego e outros) procedentes da Colônia de Pescadores; ou ainda em atividades no espaço urbano, os chamados “bicos”, formando um mosaico de possibilidades na vida desses trabalhadores da pesca.

Apesar de parecer uma característica do trabalho na pesca, independentemente se realizado em alto mar⁷ ou no rio, as incertezas do ganho que se mostram inerente aos discursos desses profissionais revela bem o que centenas de pescadores têm vivenciado nas últimas décadas nas barrancas do rio São Francisco. Esses pescadores se lembram, sentem saudades, filtram o passado e se expressam sob a latência do que vivem hoje, principalmente quando olham para o rio e o veem sem a grandiosidade produtiva de outros tempos. Nesse sentido, compartilho da visão de Heloísa Helena Pacheco Cardoso, quando assevera que “a fala, no momento em que é explicitada, está inserida em um contexto ou momento e é dele que se olha para trás”⁸. Partir do presente e compreender os sentidos do passado faz desses pescadores reais construtores de uma inteligibilidade para a vida, pois pela experiência de conviver com o rio cotidianamente, acabam entendendo as mudanças desse rio no tempo e, conseqüentemente, as transformações que o próprio trabalho tem sofrido nesse espaço nas décadas recentes.

O rio mudou, o peixe sumiu e a vida foi ficando cada vez mais difícil: eis uma linha de pensamento que os depoimentos dos pescadores nos revelaram, em consonância à visão de que a vida do pescador não é mais a mesma. Até mesmo a noção de tempo parece ser outra. Atualmente, 2014, diante da falta de peixe, o pescador entende que é preciso mais tempo para se pescar uma quantidade maior de peixe do que antes, quando se necessitava de pouco esforço, dada à fartura daquela ocasião. A certeza que fazia com que pescadores como Dona Maria Beatriz se dirigirem ao rio e em pouco tempo voltassem para casa com um grande volume de peixes, agora não existe mais. Hoje o que determina a pesca não é mais o tempo do pescador, e sim o tempo do peixe, conforme nos relatou o pescador senhor Onias,

⁷ Pessanha, analisando o processo de produção de um grupo de pescadores artesanais no início da década de 1970 na Freguesia de São Sebastião de Itaipu, no Rio de Janeiro, diz que “a incerteza sobre a pesca sempre foi uma constante nos discursos dos pescadores”. O mar é extremamente variável, podendo estar bom hoje, brabo amanhã, em virtude da ação de fatores físicos que os pescadores apontam e sobre cujos sintomas têm acumulado conhecimentos que lhes permitem identificar os momentos mais propícios para pescar. Cf. PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. **Os companheiros: trabalho e sociabilidade na pesca de Itaipu**. Niterói-RJ: Editora da UFF p.49

⁸ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Nos caminhos da história social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador. **História & Perspectivas**. Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho. Fontes Oraís: perspectivas de investigação. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. v.23, n.42, jan/jun, 2010, p.39.

“Hoje você passa a noite todinha no rio e não pega nada, não pegava nada, e de primeiro não, nós pegava era canoa de peixe”⁹. Seu Onias já foi para outras cidades a procura de emprego, mas que em pouco tempo retornou a São Francisco, dadas as dificuldades que por lá também passou.

A incerteza do senhor Pedro quanto ao “peixe-prêmio” tem deslocado muitos pescadores do rio para outras frentes de trabalho, como reclama indignada dona Maria Beatriz: “quem fala ‘vou pro rio, vou largar tudo e vou pescar’, ele pode falar, mas que vai fazer só pra comer”. Ninguém está conseguindo sobreviver somente do rio, do peixe que ele oferece, é o que muitos pescadores me revelaram durante os meses de pesquisa, mostrando aí, mais do que um problema econômico, mas também uma tensão quanto ao futuro. Talvez por isso, diante de tanta inconstância e inseguranças vivenciadas no trabalho com a pesca, muitos trabalhadores tenham buscado a Colônia de Pescadores como uma forma de, em quinze anos de trabalho e/ou na condição de associados, terem a segurança de uma renda mensal através da aposentadoria.

Segundo o Ministério da Pesca e Aquicultura – MPA, a Colônia de Pescadores Z-3, de São Francisco, conta com aproximadamente dois mil associados (dados de janeiro de 2013), tendo iniciado suas atividades em meados da década de 1980 com menos de 100 (cem) associados. A esquivas das dificuldades e incertezas no mundo da pesca, otimizada pela criação de políticas públicas específicas¹⁰ para o pescador no Brasil, ao que parece, é uma das faces do *boom* no número de pescadores artesanais nas últimas décadas em todo o país.

O senhor Wenceslau, um dos pescadores mais experientes com o qual tive contato, fez um relato significativo sobre a situação do pescador antes dos programas governamentais de assistência ao pescador. De acordo com ele, “antes não tinha pescador. Era se acaso, se acaso tinha um. O povo morava pra roça. Não tinha nada de seguramento (sic) pra você. Você não era seguro em nada. Se você pegasse, você comia, se não pegasse, não comia”¹¹. A suposta inexistência de pescadores no passado, segundo essa informação, denuncia o próprio sentido que também o senhor Pedro William, pescador desde criança, dá à

⁹ Entrevista realizada com Onias Pereira dos Santos, pescador, 53 anos, no dia 5 de maio de 2012, em sua residência no bairro Aparecida, em São Francisco-MG.

¹⁰ Atualmente, além dos direitos previdenciários como aposentadoria por idade, auxílio-doença, seguro-defeso, salário-maternidade, auxílio-acidente, pensão por morte e auxílio reclusão, em muitas colônias de pescadores os pescadores artesanais são assistidos com cursos profissionalizantes (telecentro), cestas básicas, financiamentos junto aos bancos com o objetivo de que eles adquiram seus barcos e instrumentos de trabalho.

¹¹ Entrevista realizada com Wenceslau Ferreira de Santana, pescadora, 67 anos, no dia 07 de maio de 2012, em sua residência no bairro Sagrada Família em São Francisco-MG.

sua própria vida: “antigamente a gente não era nem gente”¹². Não ser gente significa nas palavras desse pescador não ser reconhecido, não ter direitos, não ter garantias sociais, não ser nem ao menos visualizado nas políticas públicas do governo. Essa questão remete à própria profissionalização do pescador no mundo do trabalho, algo recente e que tem ocorrido em meio a tensões e lutas por direitos antes inexistentes.

Norma Valêncio¹³ faz uma análise de impacto sobre a realidade dos pescadores das cidades de São Francisco, Januária, Três Marias e Pirapora, identificando nas condições de trabalho e nos modos de vida uma subvalorização do fazer produtivo desses trabalhadores no meio social. Segundo a autora, a produção social da inexistência desses pescadores artesanais do rio São Francisco é um processo diferenciado em que, no lugar do descaso público, que é a forma corrente de invisibilidade social, se estabelece um tipo de interação na qual há apropriação perversa da imagem e das demandas da categoria visando à sua extinção como tal, de modo que, na utilização dessas demandas e imagem, essas são ressignificadas para que os pescadores não lutem por sua autodeterminação.

Isso quer dizer que, em geral, as condições de vida e de trabalho são tão difíceis para os pescadores, cheias de obstáculos, sofrimentos sentidos literalmente na pele (frio, dores nas articulações, câimbras, etc.) e na alma (preconceito, desvalorização, falta de reconhecimento, entre outros), que eles mesmos, em sua maioria, não gostariam que o próprio trabalho fosse reproduzido e continuado por seus filhos. Esta é a situação vivenciada pelo pescador Ameril, este ao ser questionado se os seus nove filhos também são pescadores, com um tom altivo, solta uma resposta negativa, argumentando sua posição: “Não. Só pescam por esporte. Eu não vou criar eles na beira do rio, porque o trem é muito difícil demais”. Mais à frente ele detalha suas razões: “Ultimamente a pescaria está judiando muito com a gente. Judiar que eu falo é você tomar chuva aí, é vento, é uma dificuldade pra você ganhar o pão. Eu se voltasse ao tempo, já não aprendia a profissão mais, caçava outro meio”. E ao final, ele complementa o que deseja para os filhos: “Eles tem que estudar, caçar outra profissão”¹⁴. Essa é também a visão de outros pescadores, quando indagados sobre o ingresso dos filhos no universo da pesca:

¹² Entrevista realizada com Pedro William, pescador, 44 anos, no dia 23 de agosto de 2013, em sua residência no bairro Santo Antônio em São Francisco-MG.

¹³ VALÊNCIO, Norma. **Pescadores do rio São Francisco: a produção social da inexistência**. São Carlos: Rima, 2007.

¹⁴ Entrevista realizada com Ameril Rodrigues Lemos, pescador, 63 anos, no dia 25 de fevereiro de 2012, em sua residência no bairro Aparecida em São Francisco-MG.

Não, não, eu não incentivo, porque é o seguinte, é uma coisa que é ta acabado, porque o tanto de pescador que tem, se for envolver, é tempo perdido. Duas fez o curso pra enfermagem, fiquei satisfeito, uns já trabalha de bombeiro e os outros trabalha braçal, mas por fora, é uma coisa ou outra. Por que o rio, eu acredito que não vai, que não vai viver muito tempo com esse tanto de gente não. (Antônio Ancelis – 7 filhos)

Todo mundo fala “por que suas meninas não faz carteira de pescador?”. Eu falo: não! Por quê? Porque elas não entende de pesca, não sabe o que é pesca. E outra, porque quem faz a carteira de pescador, ele não pode trabalhar contratado e nem ficar. Porque se ele ficar, ele perde tudo os direito dele lá. Então, por que eu vou deixar minhas filhas fazer uma carteira sendo que elas não exerce pesca? (Dona Maria Beatriz – 4 filhas)

Hoje não porque tem outros que já tem uma perspectiva de vida diferente, né? A sobrevivência com a pesca já ta ficando mais difícil por causa de muita poluição, pouca chuva é a disputa pelo espaço da pesca é muito grande, hoje a condição de meus filhos também é completamente diferente da condição que eu tive da época da minha adolescência, então hoje eu já incentivo eles a fazer uma faculdade a trabalhar em outros setores. (Simeão Reginaldo Ferreira, presidente da Colônia de Pescadores Z-2, de Januária)

Esses depoimentos, no seu conjunto, parecem remeter à noção de Valêncio quando ressalta que “para pensar o devir dos filhos é necessário anular o valor intrínseco do que se faz e do que se é presentemente”¹⁵, ou seja, o que ocorre nesse processo de negação dos pais em relação a um possível seguimento dos seus filhos na profissão pesqueira é, pois, uma negação da própria história, do seu trabalho e de si mesmos enquanto pescadores, rejeitando a possibilidade de que os filhos vivenciem o que eles passaram. Saulo Jackson de Araújo, morador e estudioso da realidade são-franciscana, acredita que:

As experiências de vida são depositárias da sabedoria popular que, através do tempo e das palavras, ganham forma e se verbalizam como queixas, advertências, moral, desesperanças, esperança, busca de novas alternativas e, em muitos casos, apenas como espera da morte, mas, ainda há aqueles que reúnem forças e acreditam em dias melhores, se não para si, ao menos para os filhos.¹⁶

Ao que parece, a condição de analfabetismo da maioria dos pescadores faz com que muitos deles desejem e lutem para que seus filhos estudem ou, ao menos, escolham outras profissões que não a de pescador. Vale dizer, no entanto, que essa negação para que os filhos

¹⁵ VALÊNCIO, Norma. **Pescadores do rio São Francisco**: a produção social da inexistência. São Carlos: Rima, 2007, p.47.

¹⁶ ARAÚJO, Saulo Jackson de. Uma cidade, muitas memórias: trajetórias de vida dos trabalhadores ribeirinhos de São Francisco-MG. In: SILVA, Valmiro Ferreira; BRITO, Saulo Jackson de Araújo; SOUZA, Harilson Ferreira de (orgs.). **São Francisco em perspectiva**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2010, p.153.

continuem exercendo a profissão dos pais não é consensual entre os trabalhadores da pesca. No caso dos pescadores que têm filhos mais velhos, que não tiveram a oportunidade de estudar e, portanto, estão na mesma condição de analfabetismo dos pais, o número dos que seguiram a profissão dos pais é maior.

No trabalho de campo realizado, no que se refere ao exercício da pesca, notamos que são raros os casos de pescadores que vivem exclusivamente da atividade pesqueira. Na busca pelo peixe, pelo ganho, pela sobrevivência, os pescadores parecem usar dos meios de que dispõem. Assim, num rápido olhar sobre as barrancas do rio São Francisco, não é difícil encontrar pescadores que têm outras atividades que os auxiliam no “ganha-pão”. São pescadores que também plantam em vazantes, limpam lotes, fazem “bicos” como ajudante de pedreiro, mulheres que trabalham como empregadas domésticas, enfim, que atuam em diversas atividades pouco remuneradas e sem qualquer tipo de vínculo empregatício. Por trás dessas táticas de sobrevivência, pude observar uma dura realidade vivenciada por grande parte desses pescadores que se inserem noutras frentes laborais, tais como: precarização do trabalho refletida nos baixos salários, inexistência de direitos trabalhistas e uma subvalorização da ação produtiva.

Presenciamos uma dessas atividades no momento em que entrevistava a senhora Angelita, que tecia uma rede de pesca para outro pescador. Com uma atenção simultânea em nossa entrevista e nos movimentos das mãos que faziam a rede ganhar forma, ela me explicou a economia gerada naquela atividade: “Eu faço pra você. Você me dá a linha e nós tece, aí você faz. É dois reais a braça¹⁷. Essa malha aqui é 2 reais. Aí depende a linha, se você quiser 5 quilos de rede, 5 quilos de linha, 2 quilos... Aí depende da linha que você quiser tecer”.¹⁸ Diante do longo tempo (horas e até dias) de trabalho gasto para a tecitura da rede, visualizamos naquela atividade não somente uma mão de obra barata, mas também uma forma de exploração nem sempre considerada no trabalho da pesca. Isso porque, assim como na epígrafe que abre a introdução deste trabalho, na qual o ex-presidente Lula fala das horas de trabalho que o pescador gasta para pescar um ou dois peixinhos, também o tempo gasto na produção artesanal dos instrumentos de trabalho não são calculados e inseridos no valor final do produto, na comercialização do peixe.

¹⁷ Unidade de medida convencional entre os pescadores, estendendo-se os dois braços em sentido horizontal. A braça é a extensão de rede que vai de uma mão à outra.

¹⁸ Entrevista realizada com Angelita José dos Santos, pescadora, 46 anos, no dia 03 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família em São Francisco-MG.

No entanto, há que se alertar para o fato de que essas condições de trabalho nem sempre são condenadas pelos pescadores, visto que a grande maioria revela escolher a certeza oriunda dos benefícios da pesca, principalmente o seguro-defeso, a terem que ingressar no mercado de trabalho, registrado, mas sem ser beneficiado como pescador artesanal. A lógica seguida por esses pescadores é essa: ou se é pescador e se ganha tudo o que tem direito enquanto tal, ou se recusa esses benefícios para que se tenha o direito de ter uma carteira registrada no mercado de trabalho. Essa lógica é uma forma de lidar com a própria legislação que regula o trabalho do pescador, pois um requisito básico para que essas pessoas tenham direito, por exemplo, ao seguro-desemprego, é o de “não ter vínculo de emprego ou outra relação de trabalho, tampouco outra fonte de renda diversa da decorrente da atividade pesqueira”¹⁹. Assim, ao que parece para muitos, o parco ganho obtido nessas atividades pouco valorizadas não significa, de modo algum, uma forma de exploração, mas um ganho complementar para a família, um meio hábil de ter as duas rendas. Aceitam, pois, o “trabalho” que aparecer. Desse modo, não bastassem as dificuldades, esses trabalhadores, para serem reconhecidos como tais e terem seus direitos no universo da pesca garantidos, acabam aceitando realizar outras atividades ainda que precárias, sem direitos, sem garantias e, em geral, com baixa remuneração.

O senhor Onias também vive essa mesma situação, preso às condições impostas pelas leis trabalhistas e tendo que obter outros recursos para sobreviver, acaba se submetendo a atividades precárias:

Faço moço de vez em quando eu faço uns “bicuzim” aí. Agora que eu tô parado, é difícil, porque serviço ta difícil demais, né? Eu mexia la pro rumo do centro mas eu não ando de bicicleta e pra ir de pé trabalhar naquela distância pro rumo do centro e difícil, né? Aí eu mexo aqui em algum “servicim” na Sagrada Família [bairro onde mora], mas agora eu to parado mexendo só aqui mesmo de servente [de pedreiro]²⁰

Em face da amplitude de possibilidades laborais que os trabalhadores da pesca têm como meio de sobrevivência, considero como problemática a tentativa de tratar a questão a partir da construção de uma pretensa “identidade de pescador”. Isso porque, com base nas ponderações de Stuart Hall²¹, compreendo que as identidades são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Assim sendo, a

¹⁹BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Seguro-Desemprego. Pescador artesanal. Disponível em <http://portal.mte.gov.br/seg_desemp/seguro-desemprego-pescador-artesanal.htm>; acesso em 21 mai 2013.

²⁰ Entrevista realizada com Onias Pereira dos Santos, pescador, 53 anos, no dia 5 de maio de 2012, em sua residência no bairro Aparecida em São Francisco-MG.

²¹ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 5 ed. São Paulo: Vozes, 2000.

referência primeira é o trabalho na pesca, mas nada impede que esse pescador, para garantir sua sobrevivência, se posicione, casualmente, na função de auxiliar de pedreiro, de limpador de lote, de empregada doméstica, etc. Nessa perspectiva, compartilho a noção de Rosyan Britto de que o trabalho em torno da pesca não se organiza por determinações ou critérios (determinismo geográfico: por morar perto do rio / determinismo cultural: o pai é pescador, então o filho também tem que ser / determinismo econômico: pescar pra não morrer de fome), mas se constitui “através das relações sociais que se estabelecem em torno das condições concretas, constituindo-se numa tática de vida”²².

Tanto a questão das incertezas no trabalho da pesca como a presença dos pescadores em outras frentes de trabalho, geralmente sob o peso da precariedade, é tensionada quando analisadas numa conjuntura social e econômica como da região em que eles se encontram. Na cidade de São Francisco e em toda região do Norte de Minas Gerais há um mosaico de fatores que revelam dificuldades econômicas e sociais diversas (pobreza e falta de postos de trabalho, entre outras) as quais as pessoas que nelas se encontram procuram superar.

Questionado sobre o que mudou no rio São Francisco nas últimas décadas até a atual escassez de peixes, o senhor Ameril, pescador já há 30 anos, aponta como principais razões a seca e a falta de chuvas. Se não há chuva, não há água, daí não ocorrem as enchentes, e isso diminui significativamente a produção de peixe: “O que manda no nosso território aqui é a chuva. [...] Quando a cheia é pequena, a água não vai nas lagoas, nos lagos, onde o peixe produz, pra atirar pro rio, pra movimentar, pra crescer”²³, completa Ameril. O sentido que a chuva tem para os ribeirinhos ou sertanejos do São Francisco é sempre o mesmo: fartura de peixes no rio; e de plantações na roça. Especificamente para os pescadores, quanto maior o período de chuvas, causando o que eles chamam de “cheias” (enchentes), melhor é. Essa visão construída a partir de uma experiência cotidiana, empírica, da dinâmica de reprodução dos peixes na movimentação que eles fazem entre o rio e as lagoas marginais, é compartilhada pelos pescadores e também bastante reforçada nas reuniões da Colônia de Pescadores quando se aproxima o período da Piracema, identificada como a época em que os peixes procuram o lugar mais adequado para a desova e alimentação das espécies.

Além da falta de chuvas, diretamente ligada aos intensos períodos de seca, outros são elencados como causadores da diminuição do pescado, fator gerador de tensão e

²² BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. **Modernidade e tradição**: construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo-RJ/Niterói-RJ: EdUFF, 1999, p.43.

²³ Entrevista realizada com Ameril Rodrigues Lemos, pescador, 63 anos, no dia 25 de Fevereiro de 2012, em sua residência no bairro Aparecida em São Francisco-MG.

incertezas no ofício do pescador. Analisando todas as entrevistas realizadas nesta pesquisa, identificamos nas falas dos pescadores, no seu conjunto, pelo menos dez razões para a atual situação de crise no mundo da pesca. Um dos motivos mais citados refere-se à alteração nas características do rio São Francisco, que tem apresentado um (1) nível de água muito baixo, estreito e raso (assoreado), além do fato de (2) suas águas também estarem alteradas quanto à qualidade e à temperatura, fatores esses relacionados a (3) períodos cada vez mais extensos e intensos de seca e também à poluição. Nessas condições, os pescadores argumentam que os peixes não conseguem reproduzir e tampouco sobreviver, o que diminui consideravelmente a quantidade no leito do rio.

Outro fator (4) é o excesso de pescadores atuando no rio, resultando no que eles chamam de “sobrepesca”: “o peixe, antes, antigamente, era fartura e pouco pescador. Hoje tem pouco peixe e muito pescador”²⁴, conforme relata o senhor Josefino Ferreira dos Santos, pescador da cidade de São Romão, com um tom de voz entristecido. Da mesma forma reclamam os pescadores de São Francisco, como o senhor Onias: “tem muito pescador, tem rede demais nesse rio de canto a canto”. E também o pescador Antônio Ancelis, que denuncia a realidade vivenciada no dia a dia: “é pescador demais e pouco peixe, é todo mundo corre atrás do peixe. É um atravessando o outro, é tanto o pescador quanto o de clube, cê entendeu? Num lugar que você vai descer uma rede tem quatro a cinco barcos e você é obrigado a parar, e pra não brigar você tem que sair fora”²⁵, reclama ele.

Mais duas razões apontadas para a diminuição do peixe no São Francisco e que estão interligadas é a (5) pescaria predatória, onde são capturados peixes de todos os tamanhos, desrespeitando as medidas permitidas pelas leis ambientais; e a (6) falta (ou dificuldade) no trabalho de fiscalização por parte da Polícia Ambiental, visto que o número de policiais parece insuficiente para cobrir toda a extensão do rio o tempo todo. Segundo a pescadora Maria Beatriz, o que mais atrapalha a fartura de peixe no São Francisco nos tempos atuais é que “eles [os pescadores] não querem ver o peixe crescer. Mesmo que o fiscal está em cima, eles estão lá sempre pegando o peixinho pequeno”, argumenta.

Além desses motivos, outros bastantes citados são: (7) a utilização de veneno e agrotóxicos nas plantações de irrigação nas margens do rio, geralmente levadas para o leito pelas chuvas e contaminando o peixe; (8) a poluição por parte de empresas mineradoras como

²⁴ Entrevista realizada com Josefino Ferreira dos Santos, pescador, 73 anos, no dia 29 de julho de 2013, em sua residência em São Romão-MG.

²⁵ Entrevista realizada com Antônio Ancelis Bispo, pescador, 64 anos, no dia 30 de julho de 2013, em sua residência no bairro Centro em São Francisco-MG.

a Votorantim, em Três Marias, ou prestadoras de serviço como a Companhia de Saneamento de Minas Gerais – COPASA, jogando dejetos de esgoto nas águas, impossibilitando a vida de dezenas de espécies de peixes; (9) o barulho dos motores dos barcos no rio, citado pelos pescadores como responsável por fazer com que os peixes se escondam do predador-homem; sem contar o desmatamento das matas ciliares, que diminui a “cama dos peixes”, denominação dada por “seu Binú”, pescador aposentado de Januária. Em suas palavras: “no beiradão, ali o peixe naquela pausada tudo, ele fazia a cama de deitar, porque o peixe tem a cama de deitar, meu companheiro (...). Ele faz a cama aqui encostada no pé de pau, outro faz ali, outro faz ali, e vai lá aquela fila ali de fora a fora”²⁶

Por fim, o último motivo citado pelos pescadores para explicar a escassez de peixes está ligado ao (10) processo de barramento das águas do Velho Chico. Segundo os pescadores, tanto o barramentos das lagoas marginais, espaço privilegiado de desova e reprodução dos peixes, como a criação e funcionamento da represa de Três Marias, que controla a vazão do rio com o objetivo da geração de energia elétrica em suas usinas, constituem empecilhos para que os peixes “caminhem” no rio de modo natural, perfazendo seu ciclo de reprodução, e, ainda, para que as “cheias” ocorram de modo natural até as águas chegarem às lagoas marginais e ali os alevinos se desenvolverem. Para o presidente da Colônia de Pescadores de Januária, Sr. Simeão, o que tem diminuído o número de peixes no São Francisco é isso: uma minimização dos lugares de reprodução dos peixes. Segundo ele:

[O que acabou com esse rio] não é o pescador ir lá pegar um peixe pra comer ou pra vender, pois você sabe que a reprodução é muito grande. O que acabou foi o espaço pra reprodução. E esse pequeno espaço que ficou está sendo contaminado pela poluição. Se você for olhar aqui na nossa região tem uma barragem aqui nos Índios Xacriabás, tem uma barragem lá no ..., isso fora os sangrador²⁷ que os fazendeiros foram fechando²⁸.

Sobre a represa de Três Marias, o senhor Norberto, 65 anos, pescador que reside às margens do São Francisco, na Cidade de Três Marias, faz um relato pontual do quanto essa obra prejudicou a pesca no Velho Chico na época da construção da barragem, fato significativo e impactante na história dos pescadores desse rio:

²⁶ Entrevista realizada com Benedito Dionísio da Silva, pescador aposentado, 103 anos, no dia 06 de agosto de 2013, em sua residência em Januária-MG.

²⁷ Sangrador é o nome que os pescadores dão ao canal que liga as lagoas das margens do rio ao rio São Francisco. Caso sejam barrados ou fechados, a produção dos peixes nas lagoas fica impossibilitado.

²⁸ Entrevista realizada com o presidente da Colônia Z-2, de Januária, Simeão Reginaldo Ferreira, no dia 07 de agosto de 2013, na sede da Colônia, em Januária-MG.

Quando fechou a barragem em 61 foi o maior desastre que eu já vi na história, porque era a slogan de Juscelino Kubitschek era “Cinquenta anos em cinco”, aí fechou o rio todinho, em 61 pra formar um reservatório, ficou tudo seco, mas nós não conseguia ficar aqui com o mau cheiro de peixe, todo aquele frigorífico vieram pra aqui pra comprar peixe e eles comprava todos. No segundo dia só dourado e surubim, terceiro dia nem de graça eles queriam. O cara chegava aí com o barco cheio de peixe, nem meu filho, nem de graça eu não quero, o cara pisava e jogava tudo dentro da água, não tinha nem pra quem dar. Apodrecia, jogava [fora], virava todos eles dentro da água o barco com os peixes mortos. Isso daqui virou uma ilha de peixe, ilha, ilha de peixe morto, entendeu?²⁹.

A análise do conjunto dessas dez razões, acima elencadas, expostas pelos pescadores artesanais para a diminuição da produção de peixe no rio São Francisco nas últimas décadas, possibilita constatar que a maioria está associada à ação humana no que se refere ao acesso e uso dos recursos hídricos do São Francisco e de outros recursos naturais a ele relacionados (matas e peixes). É o que Ana Paula Glinfskoi Thé³⁰, doutora em ecologia, denomina, a partir da literatura científica, de “ações antrópicas”, identificadas no desmatamento das margens e no assoreamento do leito do rio. Essas ações, segundo ela, são derivadas do avanço da fronteira agrícola na região, associada ao uso de técnicas de cultivo inadequadas; da poluição, relacionada à elevada descarga de esgotos domésticos e industriais diretamente no rio e em seus afluentes; do barramento do rio pelas usinas hidroelétricas, modificando o regime hidrológico e a qualidade físico-química da água, além de bloquear as migrações dos peixes e impedir o recebimento de água pelas lagoas marginais, principais berçários dos peixes de importância comercial do rio São Francisco; e ainda da “sobrepesca”, ocorrida pelo possível aumento do número de pescadores na captura do peixe³¹.

Através do documento *Diagnóstico da Pesca Artesanal no Norte de Minas, Alto/Médio São Francisco*, produzido pelo Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), e também por meio da irmã Neuza F. Nascimento, da Congregação da Divina Providência, uma

²⁹ Entrevista realizada com Norberto Antônio dos Santos, pescador, 65 anos, no dia 07 de agosto de 2013, em sua residência às margens do rio São Francisco, na cidade de Três Marias-MG.

³⁰ THÉ, Ana Paula Glinfskoi. **Saudades da Vazante Geral**: Estudo sobre as Mudanças Sócio-Ambientais na Pesca Artesanal no Alto-Médio São Francisco, Minas Gerais. Disponível em <<http://www.congressods.com.br/segundo/images/trabalhos/populacoes/Ana%20Paula%20Glinfskoi%20The.pdf>>; acesso em 12 mai 2013, p.09.

³¹ THÉ, Ana Paulo Glinfskoi. **Saudades da Vazante Geral**: Estudo sobre as Mudanças Sócio-Ambientais na Pesca Artesanal no Alto-Médio São Francisco, Minas Gerais. Congresso de Desenvolvimento Social. Disponível em <<http://www.congressods.com.br/segundo/images/trabalhos/populacoes/Ana%20Paula%20Glinfskoi%20The.pdf>>; acesso em 12 mai 2013, p.8-9.

das coordenadoras do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais na região³², pude perceber que as dificuldades e demandas extrapolam esses pontos. O documento aponta que esses pescadores não trazem consigo apenas dificuldades do universo da pesca, o que revela como têm sido precárias as condições de trabalho e de vida dos pescadores do São Francisco. Quanto aos problemas ambientais, eles existem sim, e são muitos, como já vimos, porém o que mais preocupa esses profissionais são os problemas de acesso ao rio São Francisco. Eles reclamam dos fazendeiros e empresas que inviabilizam as vias de acesso aos rios e lagoas, por meio de cercas; das dificuldades de comercialização, já que são poucos os canais de negociação que favorecem os pescadores artesanais, tornando-os reféns dos atravessadores; do acesso à previdência social e a outros direitos, pois apesar do funcionamento das Colônias de pescadores, há reclamações quanto aos direitos e benefícios necessários para uma boa qualidade de vida. E ainda tem o problema levantado por muitas mulheres que reclamam do tratamento diferenciado que recebem de lideranças das Colônias e dos órgãos do governo em relação ao fato de serem (mulheres) profissionais da pesca artesanal.³³ Nota-se, portanto, que os problemas vivenciados pelos pescadores não se restringem às limitações e dificuldades do mundo do trabalho, mas também às dimensões relativas aos direitos concernentes ao seu lugar na sociedade, no âmbito legal.

Até aqui três fatores de tensão na vida desses pescadores profissionais artesanais foram abordados: as incertezas no mundo da pesca, a precariedade com que outras atividades auxiliares são desenvolvidas fora da pesca como meio de sobrevivência e, agora, esses diversos fatores que dificultam o trabalho pesqueiro cotidianamente. Essas noções se mostram como elementos importantes na compreensão de que os modos de vida e de trabalho desses pescadores se dão numa conjuntura permeada de contradições e conflitos.

Em meio aos fatores de tensão, dentre tantos aspectos na história dessas pessoas, um dos mais marcantes é a orientação da vida em torno dos ciclos da natureza. Seca e cheia, estiar e chover constituem muito mais do que fenômenos da natureza para esses trabalhadores. Em geral, o calendário anual é dividido entre esses dois períodos em torno dos quais a vida é

³² O Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Brasil (MPP), presente principalmente na região nordeste do país, está em processo de articulação na Norte de Minas Gerais. Em Minas Gerais o MPP começou logo após a I Conferência Nacional da Pesca Artesanal, em setembro de 2009, em Brasília/DF. O movimento tem como característica a organização das bases nas comunidades ou grupos de pescadores. O Movimento conta com o apoio da Cáritas Brasileira, da Comissão Pastoral da Terra, das Irmãs da Divina Providência, da Coordenadoria Econômica de Serviço (CESE) e do Conselho Pastoral dos Pescadores.

³³ CPP – Comissão Pastoral da Pesca Nacional. **Diagnóstico da pesca artesanal no norte de Minas, Alto-Médio São Francisco**. Buritizeiro, Maio de 2011, p. 10.

organizada: o tempo das chuvas, geralmente os meses de novembro a março; e o tempo da seca, de abril a outubro. O período das chuvas é marcado como o tempo da piracema, período em que os peixes estão saindo para a desova e, portanto, fixado pelos órgãos reguladores da pesca como impróprio para a atividade pesqueira, sendo, inclusive, proibido por lei³⁴.

Sobre essa relação com a natureza, os pesquisadores Claudinei dos Santos Ricardo, Laysa Camilla Brant Oliveira e Leandro Silva Paz, ao analisarem as condições de trabalho dos pescadores do município mineiro de Buritizeiro, também às margens do Alto São Francisco, revelam que no rio São Francisco o que é específico na relação homem e natureza entre os pescadores artesanais é expresso no conhecimento que esses constroem em relação ao comportamento do ambiente, dos seres desse ambiente e na ação decorrente desse conhecimento. Segundo os citados autores, essa relação com o meio natural é intensa, observada quando se evidencia o pesar e a nostalgia presentes em seus depoimentos, ao compararem o rio do passado, não degradado, com o rio do presente, com vários focos de degradação ambiental.³⁵ Talvez por isso, Sandra Regina Torres Dumont argumenta que essa “relação harmoniosa do homem-natureza, com seus saberes tradicionais, traduz a reprodução do seu modo de vida”³⁶. Sobre essa questão, acredito que esse modo de vida se reproduz na relação entre esses pescadores e a natureza, contrariamente a Dumont, entendo que ela se dá de uma forma muito mais permeada de tensão e conflitos do que fundamentada na harmonia. Isso quer dizer que é na orientação da vida, construída a partir dos tempos de cheia e de seca, munidos de todo um conhecimento arduamente acumulado em sua relação com o rio, que esses pescadores artesanais forjam um jeito próprio de viver, no qual identificamos um universo de táticas de sobrevivência inerentes às suas escolhas pessoais e coletivas na organização de suas vidas.

A partir de sua convivência com o ciclo da natureza do Médio São Francisco em que os períodos de chuva e de seca se alternam, o pescador Ameril também fundamenta o

³⁴ A proibição da pesca no período da piracema é determinada pela Lei nº11.959, de 29 de junho de 2009, seus períodos são determinados pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, com a colaboração de órgãos e instituições e associações envolvidas com a pesca em cada bacia hidrográfica.

³⁵ RICARDO, Claudinei dos Santos; OLIVEIRA, Laysa Camilla Brant; PAZ, Leandro Silva. **A degradação do rio São Francisco influenciando na pesca artesanal no município de Buritizeiro/MG Brasil**: Uma análise nas relações de trabalho entre pescadores e o comércio de peixe. Disponível em < http://egal2009.easyplanners.info/area07/7144_dos_Santos_Ricardo_Claudinei.pdf >; acesso em 21 mai 2013, p. 9.

³⁶ DUMONT, Sandra Regina Tôres, 1963- **São Francisco – caminho geral do sertão** : cenários de vida e trabalho de pescadores tradicionais em Pirapora e Buritizeiro – Norte de Minas Gerais / Sandra Regina Tôres Dumont. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, 2007, p.53.

quanto a chuva e, principalmente a enchente do rio é salutar para o seu trabalho: “o ano que tem cheia, enchente boa, esse ano é bom de peixe. Dois ou três anos tá bom. Quando tem seca, o trem arruína mesmo. Mal dá pra comer mesmo, não dá mais pra nada”.³⁷ Essa comparação entre os tempos de seca e de chuva, interferindo na produção de peixe no rio, tem reflexo também na chamada lei da oferta e da procura. O próprio Ameril relata que nos tempos em que a piscosidade do rio era alta, o valor comercial do peixe caía de tal forma que o processo se invertia diferentemente do que ocorre hoje, visto que antes o peixe era produto constantemente encontrado, a demanda não dava conta de tanta fartura. Ameril chegou a lembrar que para se comprar um quilo de carne era preciso que ele vendesse dois ou três quilos de surubim, situação inversa nos dias atuais, quando é possível comprar um quilo de carne e ainda sobra.³⁸ Seu Pedro também lembra que quando era criança e pescava com o pai a fartura de peixe era tão grande que quando passavam nas “crôas” do rio, referindo-se às extensões de areia formadas no meio ou nas margens do rio, encontravam grande quantidade de cari, uma espécie de peixe: “ninguém queria comer cari não, urubu comia que nem cachorro”, concluiu o pescador.³⁹

Essa relação entre a oferta e a procura do peixe, no passado e nos tempos atuais, fazem os pescadores perceberem que, antes, mesmo com a abundância do pescado, o baixo valor pouco os ajudava na obtenção de lucro. Os discursos dos pescadores revelam essa diferença:

De primeiro nós pegava era canoa de peixe. Até minha mãe, que mora na Raul Paixão, no [bairro] Bandeirante, eu ia mais meu irmão pescar, e minha mãe [dizia]: ‘para menino, pode parar com isso, se não eu não dou conta de tanto tratar peixe não’. Eu falava assim: ‘ó mãe, vamos embora fazer isso vamos embora encher uma canoa de peixe e vender’. [A mãe:] Ó, meu filho, não compensa não, baratim demais’. Só dava trabalho, né? Ia vender e não dava nada. Aí nós trazia peixe aqui na cidade e vendia. Moço... as coisa naquele tempo era barato demais, num tenho vergonha de contar não.⁴⁰

Era baratinho, mas você tinha o pão certo, porque naquele tempo a dificuldade era pra você vender o peixe, porque pegar era mais fácil. Não é igual hoje, que a dificuldade é de você ter o peixe pra vender e antigamente não, a dificuldade era pra vender o peixe, porque era pequeno demais e tinha muito peixe, tinha muito peixe. (...) Vendia ali baratinho aquele negócio todo. (...). O peixe que saia mais era o

³⁷ Entrevista realizada com Ameril Rodrigues Lemos, pescador, 63 anos, no dia 25 de Fevereiro de 2012, em sua residência no bairro Aparecida, em São Francisco-MG.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Entrevista realizada com Pedro José Alves, pescador, 57 anos, no dia 04 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família, em São Francisco-MG.

⁴⁰ Entrevista realizada com Onias Pereira dos Santos, pescador, 53 anos, no dia 5 de maio de 2012, em sua residência no bairro Aparecida, em São Francisco-MG.

surubim. Se você pegasse o surubim, meu amigo, de qualquer maneira você vendia, era mais um peixe branco, Curimatá, pirá, pirá também não tinha valor naquela época, não tinha valor. Cansemo de pegar peixe e salgar pra fazer os fardos pra mandar pra Bahia, vender na Bahia.⁴¹

Como o mercado local não era suficiente para escoar a grande produção do pescado, outros se faziam mais interessantes quando o objetivo era lucrar com a prática pesqueira. Assim, outros consumidores concorriam na procura pelo peixe do São Francisco. Segundo a revista *Nossa História: São Francisco*, de 2003, até meados da década de 1960 os peixes do rio São Francisco eram os mais apreciados pelos “gourmets” da capital mineira, Belo Horizonte, mas também do Rio de Janeiro e Montes Claros. “O antigo pescador, seu Dió, morador da ‘Colônia de Pescadores’, relembra que quase todos os dias, pousava um avião ‘teco-teco’ que vinha comprar peixes dos pescadores são-franciscanos”⁴², além do “teco-teco”, vinham aviões maiores de empresas ou de particulares, e também os aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN) da Força Aérea Brasileira.

Numa conjuntura em que o mercado externo era mais lucrativo, o pescador Osvaldo, por iniciativa própria, também buscou esse mercado com o objetivo de obter maior lucro, revelando, inclusive, o destino que dava ao seu ganho: “eu saía daqui mais meu compadre. Ia mais ele com uma rede, pegava mais era Curimatá. Nesse tempo, o peixe era salgado. Nós fizemos...salgamos um bocado de peixe. Nós foi pra Montes Claros, quando nós acabamos de vender de dia, de noite nós foi pra um forró”. Eu gastei tudo na malandragem, na cerveja e na ‘raparigagem’. Mas ganhei dinheiro, ganhei dinheiro mesmo. Num vou queixar que não ganhei dinheiro em pescaria não, pois eu ganhei. Ganhei e foi bastante dinheiro”⁴³.

A inexistência de uma Colônia de Pescadores na cidade de São Francisco até a década de 1980, que pudesse auxiliar os pescadores artesanais na comercialização do pescado, fez surgir diversos frigoríficos que serviam de intermediários entre os trabalhadores da pesca. Geralmente recebendo a menor parte do lucro pelo produto, esses pescadores revelaram-se uma mão de obra barata, que era explorada pelos donos dos frigoríficos e por compradores de

⁴¹ Entrevista realizada com Antônio Ancelis Bispo, pescador, 64 anos, no dia 30 de julho de 2013, em sua residência no bairro Centro, em São Francisco-MG.

⁴² PEIXES eram exportados em aviões. *Nossa História: São Francisco*. ano I, nº1, mai 2003, p.36. A Revista *Nossa História*, de São Francisco, constituiu-se numa produção particular de um editor de Montes Claros-MG (Dimas Lúcio Fulgêncio), através da colaboração de memorialistas de São Francisco-MG, tais como Brasileiro Braz, João Botelho Neto, João Naves de Melo, dentre outros, em registrar aspectos da cultura e da história de São Francisco. Apesar disso, a Revista não vingou noutras edições, findando-se em pouco tempo.

⁴³ Entrevista com o Sr. Osvaldo Pereira da Silva, 74 anos, pescador aposentado, no dia 26 de novembro de 2011, em sua residência, em São Francisco-MG.

outros mercados consumidores. Os principais frigoríficos citados pelos pescadores de São Francisco foram de propriedade dos senhores Guilherme e Aldair Cordeiro. Dona Maria Beatriz, sobrinha de Altair Cordeiro, relembra como era esse processo:

Todos os pescadores trabalhavam para ele [Altair Cordeiro], principalmente meu pai [também pescador], todo peixe era pra ele, né? Aí tirava o que era para alimentação, muitas vezes meu pai nem tirava porque a gente pescava por ali mesmo, todos os filhos não dava conta de peixe. Era muito farto de peixe naquele tempo. Só hoje que é muito difícil, mas todos os pescadores destinavam o peixe para o frigorífico do senhor Altair Cordeiro. Daí ele mandava, era importado [entenda-se exportado] para Montes Claros, pra outras cidades aí, aqueles que já estava trabalhando aqui no frigorífico já fazia a exportação para outra cidade. Eles só traziam da beira do rio, os barcos traziam pra aqui, e daí era transportado para outra cidade⁴⁴.

A pesca, a venda do pescado, a sobrevivência da família a partir do trabalho realizado, as dificuldades enfrentadas na prática pesqueira nas últimas décadas, a relação construída com a natureza (forjando daí um conhecimento próprio), dentre tantos aspectos que fizeram e fazem parte da história desses trabalhadores do rio São Francisco parecem auxiliá-los na construção de uma visão de mundo bastante própria. A partir das narrativas dos pescadores e tendo como pressuposto todo um quadro de dificuldades que mesclam questões ligadas à falta de empregos com outras associadas às dificuldades naturais como a seca e a falta de peixe, todas elas já abordadas, é possível compreender três aspectos das trajetórias desses pescadores: o sentido que o rio São Francisco tem para eles, os seus modos de vida e suas formas de exercer o trabalho da pesca.

Sobre o primeiro aspecto, mesmo em meio a tantas adversidades, os pescadores de São Francisco têm na profissão exercida no rio o principal meio (não o único) para manterem a si e seus familiares. O pescador Ameril Rodrigues, entendendo o rio como mantenedor de sua vida, denomina metaforicamente o “Velho Chico” como sua “roça”, uma verdadeira lavoura, na qual comparece regulamente para colher os frutos, que proverão suas necessidades. A metáfora construída pelo pescador, num espaço que sempre foi marcado pelas atividades agrícolas e pastoris, ganha um tom bastante elucidativo para compreender o *status* que o rio tem no cotidiano de muitos trabalhadores da pesca.

⁴⁴ Entrevista realizada com Maria Beatriz Pereira dos Santos, pescadora, 49 anos, no dia 03 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família, em São Francisco-MG.

Essa primeira função do rio, a de proporcionar alimento para aqueles que ali trabalham, vai ao encontro da caracterização dada por Hartmann⁴⁵ sobre a pesca artesanal desenvolvida nas águas do interior do Brasil, como a do rio São Francisco. Segundo o autor, em termos socioeconômicos, a pesca trata-se quase exclusivamente de uma produção que se destina ao mercado local principalmente, que fornece sustentação alimentar e emprego às populações pouco desenvolvidas, com poucas alternativas de renda, fazendo-se, ainda, como parte de um sistema integrado de uso de recursos naturais e renováveis. De tal modo, se torna compreensível a comparação dada por Ameril sobre o São Francisco como sendo uma “roça”.

No contato com os pescadores artesanais, pude identificar outra representação, bem mais ampla, que remete ao valor que dão ao rio. Essa representação está associada ao valor dado à água, utilizada para beber, preparar os alimentos, limpar a casa, na colheita das vazantes ou mesmo para matar a sede dos animais. Dona Angelita, pescadora, procedente de uma família de pescadores, resume bem esse significado dado ao São Francisco: “o rio São Francisco na vida nossa significa tudo, porque sem o rio nós não pode viver. Não é tanto o pescador, é todo mundo. (...) o peixe, a água, as plantas, as vazantes. O rio São Francisco pra nós, meu filho, é tudo”⁴⁶. Um “tudo” lembrado também por dona Maria Beatriz, que ressaltou: “Ele é o nosso tudo. Se realmente ele secar nós vamos à falência, até morrer. (...) Já foi muito importante mais ainda, porque a gente tirava a maioria da renda da gente era do rio, mas hoje tá muito difícil”⁴⁷. Ambos os olhares sobre o “Velho Chico”, seja o que o apreende de modo mais ontológico e o identifica como condição para a própria existência, ou ainda aquele que o visualiza sob o prisma utilitarista, representando-o como um “pai mantenedor”, mostram que os pescadores construíram, ao longo de suas vidas, uma relação amistosa e intimista com o São Francisco.

Em diversos momentos percebi a interação que esses homens e mulheres da pesca têm com o meio no qual trabalham, seja tratando o rio como parte de suas histórias pessoais, seja relatando que criaram seus filhos através do trabalho ali desenvolvido e, em muitos casos, até personificando o rio como um pai ou uma mãe, uma vez que entendem que esse curso

⁴⁵ HARTMANN, Wolf. D. Conflitos de pesca em águas interiores da Amazônia e tentativas de solução. In: DIEGUES, Antônio Carlos Santana; MOREIRA, André de Castro C. **Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum**. São Paulo: Núcleo de Apoio a pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras. USP, 2001.

⁴⁶ Entrevista realizada com Angelita José dos Santos, pescadora, 46 anos, no dia 03 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família em São Francisco-MG.

⁴⁷ Entrevista realizada com Maria Beatriz Pereira dos Santos, pescadora, 49 anos, no dia 03 de janeiro de 2013, em sua residência no bairro Sagrada Família em São Francisco-MG.

d'água fornece há muito tempo o sustento de suas famílias. Questionado sobre o sentido que o rio tem em sua vida, o senhor João Pereira de Araújo, 68 anos, é contundente: “o rio significa como um pai pra nós, e depende muito de nós. Porque se qualquer um de nós destruir o rio ou de qualquer maneira destruir, nós estamos destruindo o nosso lar, o lar do nosso pai”⁴⁸. Esse mesmo olhar sobre o rio é expresso por seu Benedito, pescador aposentado e o mais velho dos entrevistados, com 103 anos, conhecido em Januária-MG como “Seu Binú”. Para ele, o rio foi pai e mãe em sua vida: “era onde a gente arrumava tudo, arrumava muito peixe e vendia e tinha muito dinheiro. Esse rio São Francisco foi pai e mãe de tudo quanto é pescador, moço. Você via só canoa de pescador cheia ai no rio e tudo pegava peixe e vendia e tinha o dinheiro no bolso”⁴⁹. Com tais discursos, o rio São Francisco é investido pelos pescadores da função de provedor da sobrevivência, fazendo emergir dessa relação uma sintonia bastante própria dessas pessoas que, dia a dia, precisam do rio para sobreviver.

Nessas representações que identificam o São Francisco como um fator que proporciona e mantém a vida daqueles que estão ao seu redor é possível encontrar um cenário bem maior em torno do rio, principalmente quando associado à terra. O pescador, mesmo que busque o peixe como produto do seu trabalho, está inserido num contexto em que as plantações nas vazantes⁵⁰ ampliam o valor dado às águas do rio São Francisco. Isso porque muitos dos pescadores são também vazanteiros⁵¹, um tipo de “agricultor do rio”, plantando e colhendo produtos como melancia, abóbora, milho, dentre outros, trabalhando, no tempo da seca, nas extensas áreas fertilizadas pelas águas do Velho Chico.

Nas entrevistas, muitos pescadores revelaram que suas vidas não giravam apenas em torno do rio, mas no complexo rio-vazante:

Plantava, plantava. A minha roça eu nunca larguei. Eu pescava as horas, né? E eu só pescava de anzol na hora de meio dia pra tarde ai amarrava anzol e tal, não mexia só com pescaria não, mexia com roça e pescando. (Bernaldino, pescador de São Romão-MG)

Mas agora melhorou mais, porque eu planto minha vazante, pesco e sou aposentado (Osvaldo, pescador de São Francisco-MG)

⁴⁸ Entrevista realizada com João Pereira de Araújo, 68 anos, pescador aposentado, no dia abril de 2011, em sua residência em São Francisco-MG.

⁴⁹ Entrevista realizada com Benedito Dionísio da Silva, pescador aposentado, 103 anos, no dia 06 de agosto de 2013, em sua residência, em Januária-MG.

⁵⁰ Para se ter uma noção, as vazantes são as áreas inundáveis localizadas nas margens e no meio do rio, onde, no período em que as águas abaixam, ou seja, no período da seca, são plantados diversos tipos de culturas, tais como a melancia, abóbora, mandioca, feijão, dentre outros.

⁵¹ Esses trabalhadores das vazantes também são denominados na literatura como lavrador de vazante, barranqueiro, lameiro ou varzeiro.

A pesquisa de Cláudia Luz de Oliveira revela essa correlação entre esses dois tempos de trabalho que organizam a vida dos ribeirinhos, no rio e nas vazantes. Segundo a autora:

o sistema de trabalho dos vazanteiros e suas condições financeiras definem o local de moradia da família, que pode ser na ilha, na margem do rio ou nas cidades ribeirinhas. A vida das famílias é sempre marcada pela mobilidade do local de trabalho e moradia, que se adapta aos ciclos do rio: seca, enchente, cheia e vazante⁵².

A autora assevera ainda que “a construção de barragens para produção de energia elétrica ao longo do São Francisco, a partir da década de 1950, começa a promover uma alteração drástica no ciclo do rio, com grandes impactos para as populações”⁵³. Isso quer dizer que essa relação tecida com o rio e a vazante, pela qual os pescadores organizam seus tempos, seus trabalhos, suas vidas, começou a ser quebrada a partir do surgimento das usinas hidrelétricas, em meados do século XX. Como um dos objetivos das barragens das hidrelétricas é controlar o nível de água do rio, essa água, controlada, nem sempre tem chegado às terras de vazante para fertilizá-las anualmente.

O relatório final da pesquisa *Etnografias do São Francisco*, elaborado por um grupo de pesquisadores das Universidades Federal de Uberlândia e Estadual de Montes Claros, retratou de forma interdisciplinar os modos de vida das comunidades ribeirinhas e ilheiras do rio São Francisco no norte de Minas. A partir de um estudo etnográfico, mapearam as ilhas presentes ao longo do rio São Francisco entre as cidades de Pirapora e Manga, ambas em Minas Gerais. No desenvolvimento da pesquisa, Ângela Fagna Gomes Souza, uma das participantes do projeto, identificou nessa relação entre rio e vazante, o que eles denominaram de cultura sãofranciscana, por ter em todas as relações aí existentes um modo de viver construído a partir do contato entre as águas do rio e a terra a ele próxima. Segundo Souza,

Estas relações envolvem um complexo dinâmico mosaico de formas próprias de manifestação da cultura e da identidade local, refletida em seus vínculos territoriais, culturais, nos seus saberes, fazeres e expressão simbólicas. São modos de vida, lugares e sujeitos diferenciados que ora se mesclam ora se diferenciam pelas suas especificidades, tanto no viver quanto no morar, plantar e pescar.⁵⁴

⁵² OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Vazanteiros do Rio São Francisco**: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Sociologia e Antropologia. Belo Horizonte, 2005, p.67.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ SOUZA, Ângela Fagna Gomes de. Pelas águas do rio São Francisco: ilhas. In: LEAL, Alessandra Fonseca; BORGES, Maristela Corrêa (orgs.). **Etnocartografias do São Francisco**: Modos de vida, culturas locais e patrimônios culturais nas comunidades tradicionais ribeirinhas e ilheiras do Rio São Francisco no norte de Minas

Tendo esse olhar para as terras dentro e nas margens do rio, nota-se que o São Francisco ganha um sentido dimensionado para esses pescadores, pois nele não apenas se pesca, mas também se planta em suas ilhas. Pescar e plantar são duas atividades laborais interligadas (para muitos, indissociáveis) quando nos referimos ao São Francisco.

Referindo-se à produção agrícola nessas ilhas e à identificação do pescador profissional nesse contexto, é fácil perceber a íntima relação entre a prática pesqueira e a plantação nas vazantes, mostrando que, em muitos casos, não sendo, pois, uma regra, o vazanteiro é pescador e o pescador é vazanteiro. A partir do estudo de Oliveira sobre a vida desses homens, que identifiquei como “agricultores do rio”, percebo que “as ilhas do rio São Francisco desde sempre abrigaram um pequeno número de moradores, mas eram trabalhadas por um grande contingente de camponeses e pescadores que moravam em fazendas ou cidades nas margens do rio”⁵⁵, revelando que o pescador, há bastante tempo, tem nessas ilhas uma referência de trabalho que, somada à pesca o auxilia na sua sobrevivência e na manutenção de sua família.

Deste modo, trabalhando num ambiente partilhado, em que o próprio objetivo do trabalho, o peixe, é disputado com outros tipos de pescadores, e ainda, convivendo com as dificuldades que permeiam sua ocupação, os pescadores artesanais do rio São Francisco parecem construir, individual e coletivamente, modos próprios de vida e de trabalho em busca da sobrevivência. Neste estudo, foi possível visualizar que os pescadores do São Francisco têm vivenciado nos últimos tempos um verdadeiro drama social no que diz respeito às dificuldades quanto à pesca, à falta de peixe, ao rio explorado e degradado; drama que, relacionado às suas buscas individuais e coletivas por melhores condições de vida, desvela um quadro de incertezas e inseguranças no que diz respeito ao futuro. Sua luta, nos últimos tempos, não se restringe apenas em pescar ou vender o seu peixe, mas ressignificar o próprio lugar social do pescador, do seu trabalho e todos os saberes acumulados por meio dele, enfim, ressignificar sua própria cultura.

Gerais. Universidade Federal de Uberlândia/Universidade Estadual de Montes Claros. Uberlândia/Montes Claros, 2011, p.82.

⁵⁵ OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Vazanteiros do Rio São Francisco**: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Sociologia e Antropologia. Belo Horizonte, 2005, p.60.